

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Pintura mural: a dimensão sensível como modo de resistência

Ivan Jeferson Kappaun (UNISC)

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da dimensão do sensível nas relações em arte-educação no tempo e espaço escolar de uma instituição de educação básica da rede municipal de Santa Cruz do Sul. Contexto marcado pelo modo racional de vivenciar artes, utilitarista e decorativo, o que se configurou como um grande desafio em promover percepções poéticas de produção de sentido. A proposta iniciou com a exploração de diferentes materiais e técnicas, de modo a criar repertório mínimo para construir projetos de pintura mural. Selecionar elementos gráficos de cada aluno na elaboração do projeto sempre foi uma preocupação. Tal processo permitiu aos alunos perceberem o trabalho do colega, bem como o próprio, valorando significativamente as produções, entendendo-as como algo único e inigualável, suscitando muitas reflexões acerca da escuta sensível das aspirações dos alunos diante do diálogo com artes. A partir da proposta de elaborar pinturas nos muros da escola, todo o processo de construção de projetos para os murais buscou provocar sensações e percepções que provocassem outros modos – poético, sensível – de habitar o tempo e espaço da escola. Dinâmica que permitiu aos alunos se perceberem autores singulares de suas produções igualmente singulares, constituindo movimentos de resistência aos modos utilitaristas e redutores da experiência poética na escola.

Palavras-chave: Arte-Educação; Pintura mural; Sensível.

Introdução

O presente trabalho busca refletir o encontro entre arte e educação para destacar sua dimensão sensível. Em um primeiro momento, faz menção ao que se observa em arte-educação atualmente. Apresenta na sequência a problemática da pesquisa focada em como elaborar pinturas murais de modo a atender aos pressupostos estéticos e poéticos dos alunos, de modo a contribuir para a problematização de 'verdades' estabelecidas em torno da presença e dimensão educativa da arte na escola. A intensão é refletir como favorecer aos alunos produção de sentidos em arte desde a percepção da dimensão estética e singular de cada um, de modo que possam se perceber autores desse processo poético de produção. Em um terceiro momento, traz considerações dos desafios e limitações encontradas no cenário escolar em questão, bem como uma apresentação do mesmo e dos jovens participantes da proposta. Na parte final, explicita a metodologia através de uma descrição das etapas percorridas desde os primeiros desenhos até a conclusão do projeto de pintura mural de cada turma. Para encerrar

o trabalho, faço algumas considerações – que não pressupõem um fim, mas o início de novas reflexões – e listo as referências utilizadas.

Pintura mural: movimentos de resistência em arte-educação

A arte-educação, ainda que relegada a um papel secundário nas escolas, assume uma posição de resistência diante do racionalismo que valoriza o treino de habilidades. No entanto, podemos observar que, em alguns casos, a arte na escola tem se rendido ao objetivismo tecno-racional do pensamento contemporâneo e assumido uma clara intensão em convencionar explicações, historicizar e interpretar obras famosas. Não se pretende, com isso, desconsiderar a dinâmica de teorizar ou abordar historicamente a arte nas escolas, mas de destacar a dimensão poética, a dimensão sensível de produção de sentidos nas relações educativas em arte. Considerando que a arte é uma forma de manifestação estética e de diálogo com o mundo – subjetivo e objetivo -, propor a criação de projetos de pinturas murais na escola foi resultante de muitas reflexões, discussões e de aspirações com e dos alunos. A manifestação artística - seja por meio da linguagem gráfica, pictórica, musical, teatral, qual for - geralmente está envolta numa certa aura de misticismo, como algo conferido a alguém por uma entidade divina ou sobrenatural. Nesta perspectiva, muitos alunos são levados a desconsiderar e, por vezes, desprezar suas próprias produções por acreditar não contemplado por este dom divino. Assim, a problemática da pesquisa foca em como elaborar pinturas murais de modo a atender aos pressupostos estéticos e sensíveis dos alunos, de modo a contribuir para a desconstrução de pressupostos ou ‘verdades’ estabelecidas em artes na escola.

> [...] a própria arte-educação parece ter ultimamente perdido um pouco do seu eixo, absorvendo grande parcela do racionalismo e do objetivismo emprestados à vida moderna, tendo mudado, significativamente, o seu nome para “ensino da arte” (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 29).

O objetivo é de propiciar aos alunos experimentações sensíveis em arte, bem como a percepção da dimensão estética e singular de cada produção – artística ou

não -, de modo que possam se perceber autores desse processo de produção. Para Duarte Junior (2010, p.73), o poético indica um modo do humano se relacionar com o mundo, uma colocação específica da consciência, pela qual os objetos são apreendidos de maneira diversa do habitual. Tal consciência revela a dimensão poética – estética – das coisas ao redor.

> [...] a dimensão poética do mundo que então se nos revela consiste precisamente naquilo que podemos chamar de poesia. O estado poético permite-nos o descortino da poesia que habita a realidade. A poesia surge, portanto, como uma forma de as coisas se darem ao homem quando este se acha imbuído do estado poético. (DUARTE JUNIOR., 2010, p. 73).

No entanto, vale frisar que Duarte Junior (2010) considera que a poesia surge de um olhar poético sobre o mundo e que ela não se constitui somente mediante palavras, mas pode concretizar a poesia por outras formas, como em um quadro, em uma canção, em uma coreografia, etc. Toda obra persegue a poesia, na tentativa de captura-la e expressa-la em sua característica própria, seja sonora, visual ou na articulação de ambas. Ainda, experiências sensíveis não podem ser reduzidas à contemplação de obras de arte, mas "principiar por uma relação dos sentidos com a realidade que se tem ao redor, composta por estímulos visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos" (Duarte Junior, 2010, p. 30). Tudo aquilo que, de alguma maneira, contribua para refinar nossa sensibilidade e acurar nossos sentidos pode ser ativado como auxílio no viés da percepção poética, seja o canto de um pássaro, o cheiro de terra molhada ou a culinária e seus sabores.

Tais experiências, no âmbito da arte-educação, eram e são emergências a serem consideradas no contexto escolar. Na sala de aula, o trabalho em arte acaba limitado por questões próprias do espaço considerado, tanto estrutural quanto conceitualmente. Muitas das limitações são impostas pela forma de pensar a arte, pelo menos nos contextos com os quais tive contato, que é vista na escola como um estratagema para confeccionar recordações ou decorações para datas festivas ou vituperada por 'sujar' a sala. De qualquer modo, a arte assumiu uma posição subalterna diante de outras áreas do conhecimento, o que legitima um espaço

reduzido no currículo escolar. Com isso, a dimensão estésica[1] é reduzida e subjugada por objetivismos, suprimindo vivências e experiências que explorem os sentidos – todos eles. Vemos, com apreensão, uma educação visual – centrada no 'olho' – em detrimento de outros sentidos e, pior, uma necessidade crescente em explicar aquilo que não é mais sentido, mas racionalizado.

> As artes adentram a escola, em parte, com contornos românticos e instintos domesticados, disfarçados de personagens tais como o coelho da páscoa, cartões festivos, objetos artesanais utilitários ou ainda de forma mais sofisticada, na pele de "artistas famosos" e suas indefectíveis reproduções e "releituras-cópias". O mundo da educação flerta com o mundo da arte através de ações educativas e mediações em exposições, muitas vezes na tentativa de controlar e "didatizar" obras nem um pouco controláveis ou ainda, como certa concessão quase supérflua dos projetos curatoriais interessados em garantir seu público (e, por conseguinte, patrocínios e financiamentos) (LOPONTE, 2012, p. 310).

Diante do cenário apresentado, como professor de arte de uma escola da rede municipal de educação de Santa Cruz do Sul/RS, muitos são os desafios que se apresentam cotidianamente. O mais curioso diante de tantos desafios é o fato de que os mais complexos de lidar não dizem respeito diretamente ao trabalho em sala de aula. São referentes à organização da escola, à visão racional e utilitarista que impera no âmbito escolar em relação à arte. Criatividade, imaginação, inspiração são fardos demasiado pesados para serem carregados. Inicialmente, não são exclusividade da arte e, acredito que outras áreas estão muito mais permeadas por características que forçosamente são atribuídas à arte. Penso que parcela da rigidez e engessamento que se percebe em arte-educação se deve à falsa ideia de que o professor de artes deve ser o responsável por toda a demanda cultural e artística no e do contexto escolar. E isso em um período de cinquenta minutos semanais. Para Loponte (2012), uma das tarefas da arte para a educação é promover os alunos a agir e julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a agir e apreciar as consequências das escolhas, abrir-se à incerteza, pensar que forma e conteúdo são

[1] De acordo com Duarte Júnior (2010), estesia vem do grego Aisthesis e diz respeito à capacidade humana de sentir o mundo de modo organizado, conferindo à realidade um sentido naquilo que é sentido por nós.

inseparáveis, que nem tudo que é conhecível pode ser dito ou cabe nos limites da palavra. Talvez, a escola possa

> ...aprender com a arte mais sobre a relação entre o pensamento e o material com que trabalhamos ou, mais especificamente, entre o pensamento de professores e os estudantes, da mesma forma com que os processos criativos com um novo material (e todas as dificuldades envolvidas), desenvolve a maneira sobre a qual nós pensamos sobre ele (LOPONTE, 2012, p. 312).

A partir dessa percepção, urge a possibilidade de trabalhar a desconstrução de 'verdades' preestabelecidas. Trabalho árduo. Trabalho que iniciou pela percepção de que os materiais convencionais, ou melhor, convencionados para aula de artes (lápis colorido, giz de cera, sulfite A4 ou A3), não são suficientes para uma mínima apuração sensível por parte dos alunos. Mas como proceder? A partir da pergunta não encontrei outro caminho senão dialogar com a parte interessada: os alunos. Permitir confrontar minhas concepções em arte-educação e as aspirações dos alunos foi revelador. Num primeiro momento, por assinalar a distância que minhas concepções pareciam estar de possibilitar minimamente vivências sensíveis aos alunos. Foi desestabilizador. Fui conduzido a rever e desconstruir conceitos que me pareciam verdadeiros e absolutos. Em outro momento, possibilitou verificar minimamente aquilo que chega aos alunos, que os toca. Assim, a pintura mural desenhou-se como modo de operar linguagem que parece falar aos e com os alunos. Bastava conseguir autorização por parte da equipe diretiva, bem como disponibilidade de materiais para executar o que estávamos nos propondo: fazer pinturas nos muros da escola. Para o contento de todos, obtivemos o que desejávamos.

Assim, iniciou-se o trabalho de elaboração de projetos para pintura mural. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa sobre artistas e técnicas de muralismo, não com o intuito de enfatizar tais aspectos, mas para aproximar os alunos do movimento histórico ocorrido para que sejam possíveis materiais e técnicas utilizados. Na sequência, foi realizado um debate com as turmas – de 2º ao 9º Anos do Ensino Fundamental – com o objetivo de definir um tema específico para cada

turma. Uma vez eleitas as temáticas, partiu-se para a elaboração de desenhos. Os materiais gráficos e suportes utilizados para os primeiros desenhos foram os citados anteriormente como convencionados, pelo menos no contexto escolar em questão. A preocupação, nesta etapa, estava centrada no encorajamento das produções de cada aluno, que apresentavam e, por vezes, ainda apresentam certo receio ou desprezo em relação às suas produções. Sobretudo, a partir da comparação com as produções dos colegas. Desconstruir tais inibidores ainda é uma tarefa desafiadora. Compreender que cada produção sempre é única por ser impossível de reproduzi-la e de que cada um fez por si mesmo nem sempre parece ser um argumento suficiente. Após os alunos criarem alguns desenhos referentes ao tema eleito pela turma, passou-se para a etapa de explorar outros materiais, para tornar possível pensar outras possibilidades. Assim, utilizou-se tinta, materiais naturais (terra, areia, pedra, folhas, galhos e gravetos, carvão), gravura[2], bem como passou-se a pensar na relação do corpo com o desenho. O desenho não é produto do cérebro que pensa de forma racional todas as etapas de realização da atividade, mas uma produção humana que emerge do corpo e sente o próprio desenho. A imaginação para Richter (2005), não é o poder de formar imagens mentais, mas de forjar realidade, bem como produzir uma experiência fictícia que a incrementa e a transforma.

> O corpo teima em participar da totalidade de suas formas expressivas, de misturar-se às coisas do mundo, de encarnar imagens e palavras, pois pode aprender a fabricar coisas com as mãos, ou seja, dispõe de uma força transformativa de realização capaz de promover a comunhão dos sentidos no coletivo: no agir pode imitar, fingir, inventar, ficcionalizar. Pode poetizar o real ao engendrar devaneios no pensamento para inscrever sentidos que significam o particular e o coletivo, que produzem diferença na história pessoal e comunitária, permitindo pensá-la. É nessa referência ficcional de produção de sentidos que a experiência humana, em sua dimensão temporal profunda, não cessa de ser refigurada. Desde a infância, o poético emerge como ato de aprender a interrogar, traduzir e valorar o vivido para ficcioná-lo, como modo gradativo (multitemporal) de o corpo complexificar experiências de participar do mundo, de *estar* presente *em* linguagens. (RICHTER, 2005, p. 199-200, grifos da autora).

[2] Técnica com isopor, adaptada ao contexto escolar, visto as limitações impostas pelos materiais específicos da gravura.

Durante esta etapa, foi possível pensar no objetivo de criar um projeto como construção coletiva, no qual figurasse elementos gráficos de cada aluno de sua respectiva turma. Para isso, todos os desenhos foram observados e os alunos provocados a apontar elementos de interesse no trabalho do colega. Os critérios adotados para seleção não seguiram nenhuma regra estipulada previamente, mas eram definidas de acordo como o desenho era recebido pelos colegas. Os trabalhos que despertavam interesse eram reservados para uma segunda avaliação, que consistia em eleger um elemento gráfico de cada aluno, dentre os selecionados em um primeiro momento. Uma vez concluída a seleção dos elementos gráficos dos desenhos dos alunos, foi elaborada a versão final do projeto de pintura mural. Esta etapa foi feita por mim, o professor, que reuniu todos os elementos referidos em um mesmo desenho, resultando no projeto final. Com isso, foi possível discutir com os alunos questões referentes à autoria e avançar na desconstrução relativas à materiais e modos de perceber a própria produção. Manifestações, ainda que tímidas, ligadas ao sensível foram aparecendo ao longo do processo, sobretudo no momento de se referir ao trabalho do colega e perceber o seu próprio.

Atualmente, os oito projetos estão concluídos e no aguardo da conclusão da preparação (reboco) dos muros para receberem as pinturas. A proposta gerou resultados significativos, uma vez que envolveu praticamente todos os alunos da escola e permitiu que todos os envolvidos no processo de aprendizagem se abrissem para vivenciar a dimensão do sensível. Ainda que o processo tenha objetivado a concretude da pintura, explorou aspectos ligados a sensações e emoções dos alunos. É interessante observar as possibilidades que emergem a cada etapa da proposta sempre, de algum modo, ao promover mudanças na percepção dos alunos em relação ao próprio trabalho, uma vez que muitos sentiram-se encorajados em produzir seus próprios desenhos, bem como explorar seu próprio grafismo. Fato que pode ser percebido pela apropriação das experiências praticadas e assumidas como alternativas em outras áreas do conhecimento, de acordo com o

relato informais de colegas professores. Em decorrência deste trabalho, ainda foi proposto a construção de esculturas com materiais recicláveis relacionadas ao tema e o projeto de pintura mural foi incorporado à dinâmica escolar, de modo que a escola receba anualmente novas formas e cores.

Algumas considerações

A partir do estágio em que o processo de produção da pintura mural proposto se encontra atualmente e, ao considerar os objetivos traçados, que dizem respeito à experimentação no âmbito do sensível da dimensão estética e singular de cada produção poética, posso considerar as possibilidades que se abriram para que os alunos se percebessem autores do próprio processo de aprendizagem. Relação, em arte-educação, nem sempre percebida desta forma, tanto por alunos quanto por professores. Estes últimos, de modo geral no espaço considerado, reproduzem uma ideia estigmatizada de arte como trabalho manual e decorativo, excluindo qualquer possibilidade de pensar arte como produção de linguagem e, tampouco, a dimensão sensível. Provocar os alunos a sentirem utilizando o maior número de vias de percepção são práticas consideradas potentes em emergir significações. Não uma significação de acordo com o que já se pensou e se pensa em arte, mas uma significação própria para cada aluno, elaborada a partir do sentido dos sentidos. Para Richter (2005 p. 198), “a linguagem rompe com o real para ficcioná-lo no ato de inventar outros sentidos para os sentidos dados”. Do mesmo modo, Duarte Junior (2010, p.31), dirá que “é preciso alcançar o sentido dos sentidos”.

A própria sensação é resignificada. O pensamento moderno conduziu a escola para longe do âmbito do sensível – considerado como inútil. O que podemos verificar, atualmente, é uma crescente necessidade dos valores que justamente foram negligenciados pela racionalidade moderna. Em um contexto de crescente sentimento de desconfiança, apreensão e certo ódio para com o humano como o cenário brasileiro revela dia-a-dia, urge a possibilidade de considerarmos a dimensão poética – do sensível – para mediar e resignificar o encontro entre artes e escola. Para ficcionar essa realidade posta e inventar novos sentidos.



Referências

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. *A montanha e o videogame:* Escritos sobre educação. Campinas, SP: Papirus, 2010. – (coleção Ágere)

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte Contemporânea e educação – ou a arte de conceber centauros. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim. (Org). *Estudos Culturais e educação:* desafios atuais. Canoas: Ed. ULBRA, 2012.

RICHTER, Sandra R. S. O sensível sob o admirar filosófico. *Educação & Realidade,* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação, v. 30, n. 2, p. 187-202, jul./dez. 2005.